

Universidade é 1º lugar em projetos de Extensão

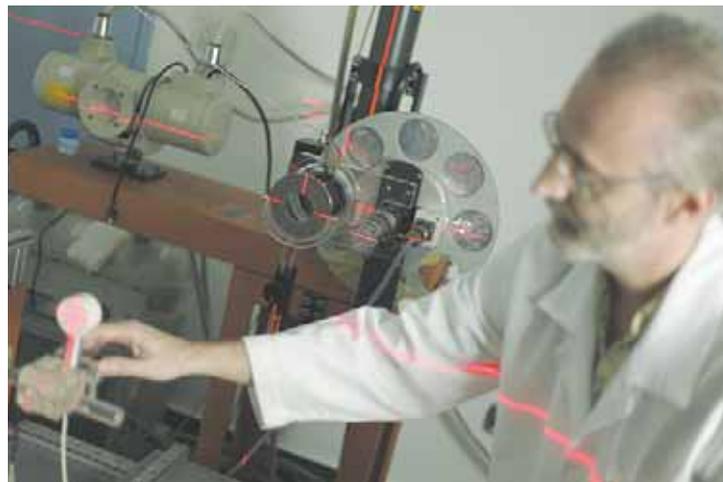
Divulgado o resultado do edital nº 05/2010 do Programa de Apoio a Projetos de Extensão e Pesquisa (Extpesq) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), a UERJ comemora o primeiro lugar em número de projetos contemplados. A Universidade teve 23 projetos escolhidos, seguida pela UFRJ, com 19 e pela Uenf, com oito. No total, foram contempladas 73 propostas, que dividiram recursos de R\$ 2,7 milhões. O programa tem como objetivo incentivar, apoiar e promover projetos de extensão ligados a pesquisa científica e/ou desenvolvimento tecnológico, a fim de fortalecer a ação transformadora da pesquisa sobre os problemas sociais e ambientais e estabelecer uma relação dialógica entre pesquisadores e sociedade.

> Páginas 12 e 13

Instituições e projetos

UERJ	23
UFRJ	19
Uenf	8
UFRRJ	6
UFF	4
UniRio	4
Unigranrio	2
Uezo	1
Fiocruz	1
Unisuam	1
UVA	1
Embrapa	1
Espaço Ciência Viva	1
Unesa	1

Laboratórios de ponta



Para o desenvolvimento de produção científica de ponta, a UERJ conta com o suporte oferecido por laboratórios das diversas áreas do conhecimento. Eles desempenham uma função social muito importante na medida em que as pesquisas ali desenvolvidas beneficiam a população.

> Página 14

Telemedicina é referência

Premiada internacionalmente pelo trabalho desenvolvido na área de pediatria, a Telemedicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro tem a sua história confundida com a própria história da Telemedicina no Brasil.

> Página 16



Nutrição

Dirigentes da Associação Mundial de Nutrição e Saúde Pública (World Public Health Nutrition Association) estiveram na Universidade para tratar de congresso internacional.

> Página 3

Vestibular

Agilidade na correção das provas é uma das vantagens do aplicativo de correção eletrônica implementado pela UERJ.

> Página 4

Esdí

Livro reúne os trabalhos de graduação dos alunos da Esdí nos últimos cinco anos. Em 2007, a Escola foi citada como um dos 60 melhores cursos de design do mundo.

> Página 6



> EDITORIAL

Comunicação digital



O dia 15 de junho deste ano marcou o início de uma nova etapa da comunicação digital da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: nessa data entrou no ar o novo portal da UERJ. Seu conceito de arquitetura de informação privilegia a facilidade de navegação e a simplicidade em termos de design. O recurso de navegação horizontal, por exemplo, permite economizar espaço na página inicial e ao mesmo tempo revelar uma quantidade maior de assuntos. De forma semelhante, o acesso à notícia está mais ágil: em dois cliques o usuário chega à matéria completa. O conhecimento gerado na Universidade passou a ter seu devido espaço com o destaque dado às publicações *online*. A vida cultural da UERJ também tem o novo portal como um forte aliado, já que os eventos aqui realizados são divulgados com eficácia e rapidez. A agilidade também se

faz notar na atual forma de localizar informações pertinentes aos cursos de graduação e de pós-graduação. Ao mesmo tempo, o portal segue as prerrogativas de uma plataforma multimídia, ou seja, conta com vídeo, *podcast* e *blogs* institucionais. Desse modo, o usuário passa a ter acesso remoto a entrevistas, depoimentos e eventos realizados na Universidade. Além disso, há agora maior visibilidade para setores estratégicos da UERJ, como a Rede Sirius de Bibliotecas, o Departamento Cultural (Decult), o Vestibular, a Editora da UERJ (EdUERJ), o Centro de Produção da UERJ (Cepuerj) e os Centros Setoriais. Por fim, brevemente estará disponível no portal uma linha do tempo em comemoração aos 60 anos da UERJ, em uma demonstração de que um ambiente de novíssima tecnologia pode e deve manter o compromisso com a memória institucional.

> PELOS CAMPI

Programa promove estudo sobre a Baixada

A Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), localizada no *campus* de Duque de Caxias, desenvolve com a comunidade o Programa Integrado de Pesquisa e Cooperação na Baixada Fluminense (PINBA), que agrega quatro projetos de extensão e um projeto de pesquisa da FEBF, todos voltados para os municípios da Baixada.

O PINBA foi criado em 2001 e segundo a atual Coordenadora, professora Icléa Lages de Melo, o Programa busca interagir com os municípios da Baixada e, além da cultura, que sempre fez parte de

sua estrutura, foram traçados outros eixos de atuação, como meio ambiente, trabalho e educação.

O Programa busca, ainda, a interlocução com o Estado, o terceiro setor, movimentos sociais e a comunidade. “Queremos integrar a UERJ aos municípios da Baixada através de várias atividades de extensão e de pesquisa. Para isso, vamos até os municípios para fazer trabalhos e buscamos desenvolver com eles atividades que estejam relacionadas com nossos projetos”, explica a Coordenadora.

Um dos trabalhos em andamento é a criação da Cartilha Só-

cio-Espacial Histórica da Baixada, que terá sua versão digital lançada na 21ª edição da UERJ Sem Muros. A idéia é lançar, posteriormente, a versão em histórias em quadrinhos da cartilha e distribuí-la para todas as escolas de ensino fundamental da Baixada Fluminense – da 1ª à 9ª série. A cartilha está sendo desenvolvida pelo curso de Geografia da FEBF e “está sendo vista como uma maneira de fazer com que os alunos conheçam mais o local onde vivem, onde estudam e como se caracterizam os municípios que fazem parte da região onde moram”, resume a coordenadora.

Curso de Turismo começa em agosto

Ligado ao Instituto de Geografia (Igeog), o recém-criado curso de Turismo da UERJ em Teresópolis - fruto de uma parceria firmada entre a universidade e a prefeitura local, que cedeu o local das instalações – inicia as suas atividades no segundo semestre. O vestibular ofereceu 40 vagas.

O curso é multidisciplinar e contou com a colaboração de várias unidades acadêmicas da UERJ, ainda que “o olhar do curso seja a partir da geografia, o que o torna

um pouco diferenciado”, explica Diretor do Igeog, professor Gláucio Marafon. A Assessora Acadêmica da Sub-reitoria de Graduação, professora Ondina Ferreira, informa que o curso contará com oito salas de aula e um laboratório de informática. Também foram providenciados os livros que farão parte do acervo da biblioteca, “todos baseados nas ementas das disciplinas.

No seu primeiro semestre, o curso contará apenas com profes-

sores contratados, mas concursos para professores estão previstos para 2010 e 2011. “A SRH fez uma seleção dos que estavam interessados em trabalhar em Teresópolis e já estamos com o quadro de técnicos administrativos prontos para assumirem suas funções”, completa o Diretor. Para ele, a perspectiva é a melhor possível, considerando a realização no estado do Rio de Janeiro das Olimpíadas Militares em 2011, da Copa do mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016.

Prefeitura incentiva doação de flores

A Prefeitura dos *campi* está organizando uma campanha para que todos os *campi* doem orquídeas e bromélias para a UERJ, uma idéia é do Prefeito Ivair Machado. Ele verificou que muitas dessas plantas são descartadas após perderem as flores e ficarem somente com o caule. “Muitos assessores

recebem essas espécies de plantas e acabam jogando-as fora quando as flores caem. Nós, no entanto, aproveitamos a haste e replantamos em árvores do *campus*”, explica Ivair.

A Prefeitura se encarrega de buscar as doações em qualquer um dos *campi* da UERJ. Basta ligar

para os telefones: 2334-0207 ou 2334-0257. “No ano que vem essas mesmas pessoas vão vê-las floridas dentro da Universidade”, espera o Prefeito. As orquídeas e as bromélias são plantas que conseguem se fixar a troncos e outras estruturas, podendo ser reaproveitadas para fazer arranjos em outras árvores.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-Reitora: Christina Maioli

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira Edição: Sonia Virgínia Moreira Pauta: Carlos Moreno e Graça Louzada Reportagem: Janaina Soares, Lúcia Dantas, Karen Candido, Mariana Pelegrini, Mônica Sousa, Shenara Pantaleão e Zelia Prado Estagiários: Aline Ferreira, Carlos Maestre, Layssace Prazeres e Luana Gomes Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e editoração: Rafael Bezerra • Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com . David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby



Restaurando Para o Futuro

UERJ é a universidade fora da Europa com parceria na área de *Archeometry*

Preservar a memória de um país com mais de 500 anos de história e incontáveis patrimônios culturais é um desafio brasileiro que a Universidade do Estado do Rio de Janeiro se prepara para enfrentar. Uma parceria inédita firmada com a Universidade de Roma vai trazer para a UERJ técnicas inovadoras de preservação de patrimônio histórico. A archeometry (área ainda sem tradução para o português) é um procedimento de análise e conservação que se apropria de várias disciplinas experimentais da Ciência aliadas ao conhecimento de História da Arte.

O Brasil é o único país fora do circuito europeu a buscar essa parceria, que se tornou possível a partir de uma aproximação entre o Reitor Ricardo Vieiralves e o pesquisador Giovanni Ettore Gigante, coordenador dos estudos de Archeometry da Universidade de Roma. Responsável pelos trabalhos de restauração da Capela Sistina, da Basílica de São Pedro, além de vários outros monumentos históricos da Itália, Gigante coordena a Archeometry italiana e trabalha na expansão do curso por toda a Europa por meio do programa Erasmus Mundus. Em 2011 Gigante será professor visitante da Uerj para ministrar um curso. Como a Archeometry é interdisciplinar, o programa vai ser aberto a alunos da física, química, matemática, biologia e artes.

Para o Reitor Ricardo Vieiralves essa parceria é uma

grande conquista não somente para o Rio de Janeiro, mas para o todo o País. Ex-diretor do Museu da República, Vieiralves acredita que é preciso preparar profissionais qualificados porque há técnicas e resoluções para problemas que são desconhecidas no Brasil. “O curso de um profissional como Giovanni Gigante é uma conquista, uma oportunidade e também um estímulo para que estudantes e profissionais conheçam uma área ainda carente de mão de obra. Se o curso tiver boa receptividade, pensamos em criar uma especialização aqui na própria UERJ”. Além disso, está em andamento o convênio de intercâmbio para custear a ida de um estudante da UERJ para cursar a especialização em Archeometry na Universidade de Roma.

Durante a visita de Gigante à UERJ, na qual o pesquisador apresentou a estrutura curricular da Archeometry, a maioria dos alunos era da área de Física. Segundo o diretor do curso de Física, Luis Mota, técnicas não invasivas como espectroscopia e fluorescência são alguns dos recursos usados na restauração e conservação de peças e documentos históricos já utilizados na Física médica. “O curso ajudaria a aperfeiçoar esses usos”, conclui. “Mais do que introduzir novas técnicas, a Archeometry é a possibilidade de abrir novas frentes profissionais e ampliar as oportunidades de trabalho aos estudantes de Física, de Química, de Biologia e de Matemática”, enfatiza o Reitor.

UERJ recebe visita de especialistas internacionais em nutrição



Barrie Margetts e Geoffrey Cannon, representantes da Associação Mundial de Nutrição e Saúde Pública (World Public Health Nutrition Association – WPHNA na sigla em inglês), foram recebidos na UERJ no dia 28 de julho. A visita faz parte dos preparativos para o III Congresso Mundial de Nutrição em Saúde Pública (WCPHN na sigla em inglês), que será sediado pela UERJ de 26 a 30 de abril de 2012.

Os representantes da WPHNA vieram conhecer a Universidade, definir o processo de trabalho para organização do congresso e participar de reunião com o comitê executivo local, do qual fazem parte Luciana Castro, Diretora do Instituto de Nutrição da UERJ, e Inês Rugani, professora do Instituto e coordenadora do grupo de trabalho alimentação e nutrição em saúde coletiva da Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva (Abrasco). Barrie Margetts é presidente da WPHNA e professor de Nutrição em Saúde Pública da Universidade de Southampton (Inglaterra). Geoffrey Cannon é especialista em políticas públicas de nutrição e desde o ano 2000 mora no Brasil, onde

trabalhou no Ministério da Saúde entre 2000 e 2002.

Segundo orientação da WPHNA, os congressos devem sempre privilegiar três pontos: ciência, política e ação. O tema central do III Congresso Mundial de Nutrição em Saúde Pública deve ser a ponte entre a academia (produção do conhecimento) e as políticas públicas no campo da alimentação e da nutrição. A ideia é propiciar o diálogo entre diferentes profissionais de áreas da nutrição em saúde pública como pesquisadores, gestores de políticas públicas e ativistas. Deverão ser discutidos no III Congresso temas como sistema alimentar e sustentabilidade, justiça social, alimentação e cultura, consumo como ação política, ativismo, evidência na perspectiva de políticas públicas, conflitos de interesse e agroecologia. Os palestrantes ainda serão definidos. A expectativa é receber 1.500 participantes, entre pesquisadores, pessoas que atuam em políticas públicas, ativistas de movimentos ligados a nutrição e saúde pública e estudantes de pós-graduação principalmente.

“O Brasil vem conseguindo incrível sucesso em áreas importantes. E o III Congresso Mundial

de Nutrição em Saúde Pública será uma oportunidade de outros países conhecerem e aprenderem com a experiência do Brasil, além de partilharmos o que tem sido feito na área de nutrição e saúde pública”, declara Barrie Margetts. “Precisamos saber quais são os problemas e suas causas e apontar soluções. Queremos compartilhar e aprender com as pesquisas da comunidade acadêmica e com as experiências completamente diferentes de pessoas”, complementa o presidente da WPHNA.

“Pela minha experiência no Brasil, posso dizer que o país tem sido um líder em saúde pública há décadas. A Fiocruz é um desses exemplos”, diz Geoffrey Cannon. “É a realização de um sonho poder trabalhar juntamente com a Abrasco e com uma universidade pública como a UERJ, pois as universidades públicas estão em perigo ao redor do mundo, apesar de ainda existirem no Brasil. É o melhor lugar para estarmos”, afirma.

Em 2010, o II Congresso Mundial de Nutrição em Saúde Pública será realizado na cidade do Porto (Portugal), de 23 a 25 de setembro. Paralelamente será realizado o I Congresso Latino-americano de Nutrição Comunitária.

Ingresso

Vestibular da UERJ agora tem correção *on-line*

Agilidade na correção das provas discursivas do vestibular. Essa é apenas uma das vantagens do novo aplicativo de correção eletrônica implementado pela UERJ e desenvolvido pela Coordenação de Informática do Departamento de Seleção Acadêmica (DSEA). O sistema, que funciona independente de acesso à internet, permite também maior controle dessa fase do vestibular.

Tudo começa com o cadastramento dos professores que desejam se candidatar à correção das provas. É preciso escolher uma senha, informar o CPF, dados pessoais e profissionais e escolher a matéria que julgue estar apto a fazer a correção. Definidos os docentes que irão corrigir as provas discursivas, o chefe da banca escolhe entre os cadastrados o supervisor e os corretores para cada disciplina. Após a correção, o professor cadastra a respectiva nota no sistema, usando um leitor de código de barras para identificar a prova, cuja numeração é composta pelo número do concurso, a disciplina, o envelope, a posição da prova no respectivo

envelope, o número do avaliador (se é o primeiro ou o segundo a corrigir aquele exame) e o dígito verificador.

O aplicativo, que utiliza as tecnologias Adobe e Java, levou cerca de três meses para ser desenvolvido pela equipe de Informática do DSEA. Além de simples, ele é fácil de utilizar. É o que garante Mauro Behring, da Coordenação de Informática do DSEA. “O treinamento dura aproximadamente 20 minutos, e os professores que já puderam testá-lo se adaptaram muito bem. O programa funciona em qualquer computador que tenha *flash player* instalado”, afirma.

Opinião dos professores

O sistema teve sua estreia no vestibular para o curso de Turismo do *campus* Teresópolis, realizado em julho deste ano, e foi aprovado pelos docentes que fizeram parte da banca de correção. Para o professor de Geografia Alexander Costa, a adaptação ao novo sistema foi fácil. “Não tive nenhuma dificuldade em usá-lo. Foi super fácil e acessível, já que ele não requer grandes conhecimentos de informática”, avalia.

O sistema,
que funciona
independente do
acesso à internet,
permite também
maior controle da
fase discursiva

Vânia Moreira, professora de Português, concorda com o colega. “Achei o sistema muito bom e tranquilo de usar”, diz a docente, que também participa da correção dos exames do Enem. “No Enem, as provas são *escaneadas* e a correção é feita via internet, o que às vezes deixa o sistema lento. Nas provas da UERJ, por não estar atrelado à web, o processo é mais rápido”, compara. Outra integrante da banca de correção, a professora de inglês Rosângela Dantas também aprovou o aplicativo. “Achei excelente. É muito mais rápido, eficiente e menos trabalhoso do que ficar preenchendo bolinhas, como era antes.

O sistema agilizou a correção e melhorou a qualidade do nosso trabalho”, confirma.

Meta atingida

Antes de ser adotado em todas as discursivas, foram feitos pilotos em algumas disciplinas. Para a Diretora do DSEA, Elisabeth Murad, a adoção da correção *on-line* em todos os exames era uma das principais metas do DSEA, que finalmente pôde ser concretizada em 2010. “Não fazia sentido lidar com todo aquele papel”, diz, referindo-se à quantidade de cartões de identificação de prova de cada candidato. “Era uma verdadeira operação de guerra, uma correria. Chegávamos a ter 120 mil cartões”, lembra. “Estamos em um tempo de agilidade da comunicação e o sistema vai ao encontro dessa expectativa”, diz.

Segundo Elisabeth Murad, houve pouca dificuldade na adaptação dos professores que participaram da correção. Antes, quando havia discrepância entre as notas dos corretores, o reconhecimento demorava mais, pois era feito manualmente. Com a correção *on-line*, o reconhecimento é automático.

Ao receber as notas dos corretores, o aplicativo informa o supervisor imediatamente se houver discrepância. E apenas ao supervisor é dado o poder de alterar uma nota no sistema. Mauro Behring explica que o chefe da banca e o supervisor podem ainda acompanhar por meio de gráficos as notas, as estatísticas e as discrepâncias. “Em tempo real, o aplicativo permite corrigir problemas, acompanhar a produção e avaliar o andamento da equipe”, diz.

O sistema será utilizado em maior escala no final deste ano, nas provas do Colégio de Aplicação e nas provas discursivas do vestibular 2011. Neste último, calcula-se que serão utilizados cerca de 400 computadores no processo de correção, um para cada professor. No último vestibular, inscreveram-se mais de 32 mil candidatos, e a expectativa do DSEA é que haja um aumento no número de vestibulandos na próxima seleção. Para aqueles que não têm acesso à internet, a UERJ coloca à disposição computadores para que os candidatos possam se inscrever.



Gestão

Restaurante universitário em contagem regressiva

A comunidade da UERJ ganhará o tão esperado restaurante universitário (RU). Adiado em gestões anteriores, o RU do *campus* Maracanã está previsto para ser inaugurado entre o final de agosto e o início de setembro. O local ocupará uma área de 1.350 m² e oferecerá cinco mil refeições diárias, sendo 2.500 no almoço e 2.500 no jantar.

Promessa do Reitor Ricardo Vieiralves, o restaurante é o resultado do trabalho conjunto do Instituto de Nutrição (NUT), da Prefeitura dos *campi* e da Diretoria de Administração Financeira (DAF). O NUT é responsável por questões como especificação técnica do processo produtivo das refeições, dimensionamento da área, equipamentos e fluxo do processo produtivo, tendo à frente as professoras Daisy Wolkoff e Patrícia Perez. As nutricionistas foram responsáveis por reformular o levantamento preliminar produzido na gestão anterior e adequá-lo às especificações atuais para realizar o projeto básico com a assessoria de um arquiteto nutricionista. “Ele nos ajudou, com o olhar de alguém que vem de fora, a pensar em algumas soluções que não havíamos imaginado, auxiliou-nos a construir os memoriais descritivos que foram a base do processo de licitação”, explicam. A primeira etapa do Instituto de Nutrição foi rever o planejamento físico-funcional do restaurante, juntamente com a equipe do Departamento de Manutenção, Obras e Projetos (Demop), órgão subordinado à Prefeitura e responsável pela arquitetura e engenharia do RU.

Terminada essa etapa, foram realizados dois pregões eletrônicos: um para os equipamentos fixos e outro para os móveis. A empresa vencedora de ambos foi a Cozil Equipamentos Indus-

triais, também responsável pela execução das obras. A exigência de que fosse a mesma empresa para fornecer os equipamentos e executar as obras deveu-se ao fato de atender às especificidades dos equipamentos, explica a Diretora da Diretoria de Administração Financeira (DAF), Maria Thereza Lopes de Azevedo.

De acordo com Maria Thereza, o valor total da obra é de R\$ 2,8 milhões, dos quais aproximadamente R\$ 1,5 milhão é proveniente da UERJ e R\$ 1,25 milhão, do Governo do Estado. “É importante frisar que não houve acréscimo de valor, mas sim aditivo de prazo para a realização das obras. Fizemos uma estimativa correta”, destaca a Diretora da DAF. “Todo o trabalho foi feito com bastante cuidado, por meio de parceria com o Governo do Estado, que aumentou a verba destinada à UERJ, o que nos possibilitou fazer compensações”, explica.

A diretora da DAF adianta que está sendo estudada a possibilidade de se implantar o uso de cartões eletrônicos individuais, que seriam carregados periodicamente por meio de pagamento – nos moldes do vale-transporte eletrônico. Na entrada do restaurante, haverá catracas para a liberação dos usuários. De acordo com a diretora da DAF, deverá ser cobrado um valor diferenciado para cotistas e não-cotistas, porém ainda não definido.

Refeições

As refeições serão preparadas por uma empresa terceirizada, que também será responsável pela contratação dos funcionários, manutenção dos equipamentos, compra de gêneros alimentícios e cumprimento de normas de segurança e saúde, entre outras atribuições.



O prato será constituído por arroz (inclusive integral), feijão e salada (que poderão ser servidos à vontade), guarnição, carne, suco e sobremesa (servidos pelos funcionários). O Instituto de Nutrição está preocupado em oferecer uma refeição saudável e balanceada. “Recentemente foi divulgado o resultado da pesquisa do Vigitel – Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico – que apontou um aumento de 42% para 46% do excesso de peso, o que faz com que cheguemos a índices semelhantes aos dos Estados Unidos”, alertam as professoras Daisy Wolkoff e Patrícia Perez. “Não podemos ter um discurso na teoria e uma prática completamente diferente. Toda a nossa preocupação foi construir modelos de cardápios cujos parâmetros de alimentação saudável deverão ser atendidos pela empresa terceirizada”, complementam. As nutricionistas informam também que as frituras serão limitadas a uma vez por semana. “Privilegiamos o consumo de frutas, hortaliças, arroz e feijão, um hábito do brasileiro que está sendo deixado de lado, mas que precisa retomar porque é o que temos de melhor em nossa alimentação”, enfatizam.

Na cozinha haverá um visor de vidro, o que possibilitará às pessoas ver como as refeições são preparadas. Comporão o espaço equipamentos modernos, fazendo com que o espaço seja também um importante campo de estágio, pesquisa e extensão para alunos de Nutrição e outras carreiras.

O restaurante terá 364 lugares disponíveis, dois deles destinados a portadores de necessidades especiais, que terão uma entrada exclusiva no refeitório. A estimativa é que a cada 30 minutos haja um rodízio entre as pessoas. As refeições serão divididas em dois horários, com duração de três horas cada: das 11h às 14h e das 17h às 20h.

O Instituto de Nutrição tomou como base outros restaurantes, como o da UFRJ, e editais de licitação de órgãos públicos. Paralelamente ao projeto básico, o NUT está preparando um manual de boas práticas, exigência da Anvisa.

Responsabilidade social

O Instituto de Nutrição também considerou o descarte dos resíduos alimentícios, a fim de não impactar demasiadamente o meio ambiente. Para isso será feita uma coleta seletiva para facilitar o processo de reciclagem. “Tudo foi

descrito no projeto básico, no item segurança, meio ambiente e saúde. Especificamos quais resíduos serão encaminhados à reciclagem e também o destino do óleo. Tudo foi fundamentado de acordo com as normas regulamentadoras”, informam as nutricionistas encarregadas do projeto. Os copos de refresco e café e o recipiente de sobremesa serão descartáveis. As etapas de retirada do lixo, coleta seletiva e destino dos resíduos serão de responsabilidade da empresa terceirizada, cabendo à UERJ fiscalizar o processo.

Expectativas

Finalizada a obra no *campus* Maracanã, há planos para a construção de restaurante universitário em outros *campi* da UERJ. “O Reitor pretende construir um restaurante na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF). Já fizemos um estudo preliminar e possivelmente no segundo semestre imaginamos que possamos iniciar os trabalhos, desde que exista disponibilidade financeira”, adiantam as professoras Daisy Wolkoff e Patrícia Perez. Há expectativa também para a construção de um restaurante na Faculdade de Formação de Professores (FFP), em São Gonçalo.

Ensino

Publicação reúne projetos de graduação da Esdi

Um livro que reúne os trabalhos de graduação dos alunos dos últimos cinco anos foi lançado pela Esdi – Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ. A publicação, editada pela Eduerj, traz ao todo 127 projetos, incluindo alguns produzidos entre 1966 e 2004. “Nesse livro, nos concentramos nos últimos cinco anos, que é o tempo de duração do curso da Esdi, sendo que o último é destinado ao trabalho de graduação”, explica o diretor da Esdi, professor Rodolfo Capeto. Mas para apresentar um pouco da história da Escola, foram selecionados alguns trabalhos a partir da década de 60. De acordo com o diretor, isso serve para mostrar que a Esdi sempre teve uma posição de liderança na criação de design.

A publicação resultou de parceria entre a direção da Escola e os próprios alunos. Dentre os trabalhos estão projetos de várias áreas como mobiliário, vestuário, produtos eletrônicos, audiovisuais, materiais gráficos, website, tipografia, transportes, embalagens, interiores e acessórios esportivos. Segundo o professor Rodolfo, a variedade de trabalhos é resultado de uma visão integrada do campo do design. Na Esdi, o curso não está dividido em habilitações: “Os alunos podem encontrar novos campos, exatamente por não ter

a visão fixada na habilitação da formação. Há a possibilidade de abrangência de atuação devido a essa formação integrada”.

A Esdi foi fundada em 1962 como a primeira escola de design da América do Sul e começou a funcionar em 1963. “Os primeiros alunos se formaram em 66. Então, temos uma história de mais de 40 anos de trabalhos de graduação. Isso é um patrimônio fabuloso para a Escola”, observa o seu diretor. O surgimento da Escola coincide com um período de efervescência cultural e de industrialização no Brasil. Com a criação da Esdi pelo então governador do estado da Guanabara Carlos Lacerda, o Rio de Janeiro iniciou a difusão dos princípios educativos do design. “Nossos ex-alunos é que espalharam pelo país a noção de ensino de design, porque como a Esdi foi a primeira instituição do Brasil, num certo sentido, aqui está a raiz de tudo”, sublinha Rodolfo Capeto. A Escola foi incorporada à UERJ em 1975, quando houve a fusão entre o estado da Guanabara e o Rio de Janeiro.

Além da graduação em Desenho Industrial, a Esdi possui um programa de Pós-graduação, iniciado em 2005, que oferece curso de mestrado em design. As linhas de pesquisa se



dividem em Design e Tecnologia, Teoria e Crítica e História do Design Brasileiro. Segundo o diretor, com a pós-graduação a Escola ingressa na área de pesquisa, o que significa uma evolução teórica da profissão. “Além disso, podemos observar que nos nossos projetos de graduação existe um desenvolvimento conceitual que se aproxima dos trabalhos de pesquisa, o que resulta em um auto-estímulo para continuar divulgando a Esdi. Trata-se de uma resposta nossa à sociedade: mostrar que estamos criando coisas que podem vir a se tornar significativas”, encerra o professor.

ALGUNS NOMES QUE INTEGRARAM O CORPO DOCENTE DA ESDI

Karl Heinz Bergmiller e Alexandre Wollner - fundadores da Esdi, ambos vieram da Alemanha e trouxeram um modelo de ensino que considerava o funcionalismo do Design.

Aloisio Magalhães - importante designer brasileiro, ajudou a fundar a Esdi. Foi Secretário do Ministério da cultura e também responsável pelo projeto gráfico das notas do cruzeiro novo.

Décio Pignatari - poeta, escritor, tradutor e advogado. Foi teórico da comunicação e criador do poema-código e semiótico, além de um dos principais nomes da poesia Concreta.

Goebel Weyne - pintor, desenhista gráfico e autodidata. Auxiliou na estruturação do curso de design da Esdi.

Zuenir Ventura - jornalista e escritor brasileiro, foi professor da Esdi desde sua fundação.

Carmem Portilho - feminista, foi a terceira mulher a se tornar engenheira civil no Brasil e diretora da Esdi por 20 anos. O Centro Acadêmico da Escola leva o seu nome.

Pedro Luiz Pereira de Souza - Designer e professor da Esdi em atividade. É autor de Esdi: biografia de uma idéia (Eduerj, 1996) e Notas para uma história do design (2AB, 1998).

DESTAQUE

Em 2007, a Esdi foi citada pela revista americana *BusinessWeek* como uma das 60 melhores escolas de design do mundo, sendo a única situada na América Latina nessa lista.



Mapa: <http://tiny.cc/kvwr2>



Maria Theresinha do Prado Valladares

Prêmio de Extensão homenageia professora

O Prêmio de Extensão Maria Theresinha do Prado Valladares, instituído pela Sub-Reitoria de Extensão e Cultura e o Departamento de Extensão, é uma entre as muitas homenagens feitas à professora que faleceu em 18 de novembro de 2009.

Para os alunos e os amigos, uma querida mestra e amiga que era amável, mas firme, bem humorada e franca, leal e constante. É assim que a descreve o professor Ivo Barbieri: “A professora Maria Theresinha e eu nos conhecemos quando o Instituto de Letras saiu da rua Haddock Lobo e veio para o *campus* Maracanã, em meados dos anos 70. Ficamos amigos e, particularmente, minha mulher – cujo nome também era Theresinha (professora Theresa Barbieri) – e ela estabeleceram uma amizade que se aprofundou quando fomos padrinhos de casamento do seu filho. Ao longo dos anos, foi um prazer manter uma amizade que passava pelos mesmos interesses: leituras, novos livros e projetos, salas de aula e alunos. Profissionalmente, a professora era exemplar, além de uma estudiosa e profunda conhecedora de literatura portuguesa. Apaixonada pela obra do escritor José Saramago, foi a sua opinião que me fez conhecer melhor o talento do escritor, quando me recomendou a leitura de *Levantado do Chão*, romance anterior ao *Memorial do Convento*. Enfim, tenho dela as melhores recordações e a solidariedade da presença e da amizade, quando perdi minha companheira, também sua grande amiga. Ambas morreram no mesmo ano”.

André Lázaro, professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social, atualmente



“Bom humor, irreverência, uma ranzinze intencional. Ela foi uma grande parceira, tinha uma visão crítica e de longo prazo, muito construtiva. O traço mais marcante de sua personalidade foi o amor incondicional pela UERJ”

Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação e Cultura, foi grande amigo da professora Maria Theresinha: “Conheci e convivi com a Theresinha durante muito tempo. Ela foi assessora da professora Theresinha Nóbrega, na gestão do Reitor Antonio Celso Alves Pereira. E eu era diretor da Comuns. Quando a professora Nilcéia Freire assumiu a Reitoria, convidou-me para ser Sub-Reitor de Extensão. Convidei a Theresinha para ser minha assessora e fizemos um acordo: se nós nos suportássemos nessa convivência, renovaríamos nosso contrato a cada ano. Esse era um dos traços dela: bom humor, irreverência, uma ranzinze intencional. Ela foi uma grande

parceira, tinha uma visão crítica e de longo prazo, muito construtiva. Creio que o traço mais marcante de sua personalidade foi o amor incondicional pela UERJ e a dedicação à universidade, com toda a sua energia e disponibilidade. Fez projetos importantes, como “O escritor visitante”, que trouxe à Universidade nomes como Ferreira Goulart, João Roberto Knoll, Antonio Torres e muitos outros, em parceria com o Instituto de Letras e a SR-3. Theresinha abraçava qualquer projeto de qualidade que representasse crescimento e enriquecimento para a universidade. Ela foi, com toda certeza, uma das nossas personalidades mais brilhantes e essa lembrança, que tenho certeza não é apenas minha, ficou na memória de seus contem-

porâneos: muitos alunos, colegas de trabalho e os grandes amigos que deixou”.

Para Maria Rodrigues Monteiro, sua amiga e colaboradora na SR-3, a professora foi alguém que não mais se esquece: “Theresinha tinha uma personalidade muito forte. Persistente, ela lutava pelas idéias e projetos, batalhava pelas suas convicções mesmo quando mais adiante se decepcionasse ou sofresse algumas desilusões. Leal, coerente, também divertida e animada. Sempre de cabeça erguida, jovial, fiel às suas idéias e convicções. Tive o prazer e a honra de conhecê-la melhor nos quatro anos em que trabalhei na Sr-3. Pensava com clareza e tinha um apurado senso de humor quando dizia: ‘É necessário morrer para abrir espaço para os que estão vindo’. Só alguém como

ela poderia, sem medo, pensar assim. Um aprendizado enorme de convivência. Uma grande amizade. Uma grande mulher e educadora que passava com sabedoria todo um aprendizado de vida”.

Maria Theresinha do Prado Valladares nasceu e viveu sempre na cidade do Rio de Janeiro. Formada pela UERJ em Letras, casou-se com Mariano do Prado Valladares, professor catedrático de Economia, e tiveram quatro filhos – Mariano, Maurício, Fátima e Mirian, seis netos e uma bisneta. Recentemente, sua neta Ana Carolina dedicou-lhe a dissertação de mestrado, na área da Biologia. Segundo Fátima, ter crescido numa família tão voltada para o conhecimento marcou a personalidade de todos os filhos e netos de Maria Theresinha: “Ela ensinou aos netos o amor pela leitura e pelos livros, são todos apaixonados por ler. Foi também uma pessoa de interesses diversificados: a literatura portuguesa, motivo de vários trabalhos importantes e a idéia de criar o UERJ sem Muros no tocante à prestação de serviços à comunidade. Essa era uma vocação natural, porque crescemos vendo nossa mãe exercendo algumas ações sociais informalmente, além da vida acadêmica. Em grandes enchentes da cidade, era ela a primeira a formar uma rede informal de atendimento às pessoas, de socorrer nas situações mais delicadas. Não nos lembramos dela de outra forma, além de combinar uma atividade intelectual constante que se irradiava no nosso dia-a-dia. Era o seu jeito de ser, permanentemente preocupada com o outro, com o ser humano”.

> ESPECIAL

De UEG a UERJ (1970-1990)

Em 1969, o contrato para a construção do *campus* Maracanã foi assinado entre representantes do governo, da Universidade do Estado da Guanabara (UEG) e da empreiteira responsável para obras que começariam de imediato. Assim, a Universidade que operava até então com diversos núcleos pelo estado busca concentrar as atividades no *campus* Maracanã.

Em 1971, para apoiar as atividades universitárias e promover a interação dos conhecimentos produzidos pelos professores e servidores técnico-administrativos das diversas Faculdades e Institutos, foi criado o Centro de Produção da Universidade do Estado da Guanabara (atual CEPUERJ) (fotos 01 e 02). Ainda em 71, foi inaugurado oficialmente o edifício Professor Paulo de Carvalho, para abrigar as Faculdades de Odontologia, Enfermagem, Serviço Social e, provisoriamente, de Administração e Finanças. (03)

Quatro anos mais tarde, pela Lei Complementar nº 20, de 1º de julho de 1974, durante a presidência do general Ernesto Geisel, decidiu-se realizar a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, a partir de 15 de março de 1975, mantendo a denominação de estado do Rio de Janeiro. Assim, a uni-

versidade passa a se chamar como é conhecida atualmente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Também neste ano, a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), a primeira do gênero em toda América Latina, inaugurada em 1963, é incorporada à UERJ. As obras do pavilhão Reitor João Lyra Filho e da Concha Acústica (04) estavam praticamente concluídas e finalmente, em 1976, o *campus* Maracanã é inaugurado (05).

A Associação dos Docentes da UERJ (Asduerj) foi fundada em maio de 1979 para garantir um espaço democrático de reivindicação dos docentes dentro da Universidade, além de seguir a tendência nacional de construção das associações de docentes, possibilitada com a abertura política que o Brasil começava a vivenciar. Nesse mesmo clima, o Diretório Central dos Estudantes (DCE), fechado durante boa parte do regime militar, é reaberto – para que quatro anos mais tarde, em 1983, o Conselho Universitário, através da Resolução nº 509, aprovasse o Estatuto de Representação Estudantil, reconhecendo a representatividade do DCE e dos CAs. (06)

O ano de 1984 foi marcado pela campanha das Diretas Já. No



1/9



2/9



3/9



4/9



5/9



6/9



7/9



8/9



9/9

dia 10 de abril aconteceu o “Comício das Diretas”, no Rio, com mais de um milhão de pessoas exigindo eleições diretas para presidente. Quinze dias mais tarde, a Emenda Dante de Oliveira é derrotada no Congresso Nacional, impossibilitando as eleições diretas naquele ano. A partir desse evento, o Movimento Estudantil da UERJ não saiu mais das ruas. As eleições para a primeira reitoria eleita por voto direto, com representantes escolhidos pela própria comunidade acadêmica, acontecem em 1988 e a Universidade empossa o Reitor Ivo Barbieri.

Em 1990, a Universidade cria o projeto UERJ Sem Muros para aproximar a comunidade e mostrar a ela toda a produção acadêmica – ao todo, foram realizadas 250 atividades em dois dias. Em dezembro, – a exemplo de outros incentivos à arte, como a Noite de Poesia Brasileira (1976) (07) e a Noite da Música Popular Brasileira (1977) (08) – para celebrar a ocasião do seu quadragésimo aniversário, a UERJ recebe o maestro Tom Jobim (09), que se apresentou no Teatro Odylo Costa, Filho e recebeu o título de Doutor *Honoris Causa*.

Educação Física

Centro de esportes pretende beneficiar 4 mil pessoas

A maior expectativa atual do professor Edson de Almeida Ramos, Diretor do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD), é o término das obras do futuro centro de esportes da UERJ, cuja previsão é setembro. Seu sonho é abrir as portas do local para crianças de comunidades carentes do entorno do *campus* Maracanã praticarem atividades físicas.

O objetivo é que o espaço, que contará com campo de grama sintética, quadra poliesportiva e piscina, atenda jovens de sete a 13 anos, além de seus familiares. “Venho trabalhando incansavelmente nesse projeto e tenho obtido total apoio do Reitor Ricardo Vieiralves. Nossa expectativa é que possamos receber mais de 4 mil pessoas para a prática de esportes olímpicos”, destaca o diretor. A intenção de Edson de Almeida Ramos é fazer com que os funcionários também frequentem o centro esportivo. “Nossa meta é atingir todas as camadas, inclusive da faixa etária mais avançada”, diz. “Paralelamente, teremos um campo de estágio para os nossos estudantes. Se a Educação Física não estiver atrelada à pesquisa científica, não é educação física. E o nosso curso é muito respeitado”.

O segundo desejo do diretor do IEFD está de certa forma relacionado ao primeiro. “Estou há mais de 40 anos na UERJ e tenho um sonho desde que entrei. Gostaria que acabasse o mito de algumas pessoas que ao passar aqui em frente pensam: ‘seria tão bom se meu filho estudasse aí...’. Esse é um fantasma que temos a obrigação de acabar, pois a universidade deve estar pronta para servir à comunidade”, defende.

Outras ações

Atualmente, o IEFD possui cerca de 500 alunos de graduação e 40 de pós-graduação e entre suas



atividades estão trabalhos com hipertensos, cardiopatas e portadores de HIV. Após o convênio firmado em 2009 com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), foram doados à UERJ modernos aparelhos de ginástica, no valor de cerca de R\$ 2 milhões, que serão utilizados no desenvolvimento de pesquisas.

Na esfera da pós-graduação, o IEFD conta atualmente com dois cursos *lato sensu*: Desporto de Crianças e Jovens e Educação Física Escolar. De acordo com o coordenador de pós-graduação, professor Paulo Farinatti, há planos para que futuramente seja criado o curso de pós-graduação *strictu sensu* (mestrado) na área de exercício e reabilitação cardiorrespiratória. “A melhor maneira de alavancar é sair do isolamento, buscar parcerias dentro e fora da universidade, como estamos fazendo. Dessa forma, compensamos as limitações e conseguimos produzir massa crítica dentro da universidade na área”, destaca. “Firmamos um convênio com o COB para montar um centro de referência para técnicos e estamos viabilizando uma parceria com a Universidade Salgado de Oliveira (Universo)”, adianta Farinatti.

Chefe do Departamento de Ginástica e Dança (Degin), o professor Jeferson Retondar está à frente do Laboratório do Imaginário Social, Atividades Corporais e Lúdicas, o único no Rio de Janeiro em nível de graduação que estuda imaginário social em educação física. O docente explica que no laboratório são desenvolvidos trabalhos nos campos da aprendizagem motora, imaginário e representação social no escopo da educação física escolar como representação do corpo, papel do lúdico no processo de ensino e aprendizagem, representação dos professores de educação física pelos alunos e como os estudantes lidam com as temáticas da sexualidade e da violência. “Procuramos mapear essas representações para poder apontar possíveis caminhos e fazer com que o professor possa entender que quem está do outro lado também pensa o mundo a partir de determinados valores e crenças”, explica Retondar.

Segundo o professor, atualmente fazem parte do laboratório alunos de graduação da UERJ, graduandos, mestrandos e doutorandos de outros estados, além de estudantes de outros cursos como

enfermagem, nutrição, sociologia e pedagogia. Como o tema é bastante procurado por estudantes de educação física e a UERJ ainda não possui um programa *strictu sensu* na área, Retondar tem encaminhado esses alunos para programas afins como o de Medicina Social e Psicologia Social da UERJ e o de Memória Social da Unirio. “Há quatro anos meus alunos são absorvidos por esses programas. Geralmente recebemos pessoas que querem trabalhar com questões como anorexia, representação do corpo obeso, ludicidade e imaginário do Maracanã”, conta.

Um dos caçulas do IEFD, o Laboratório de Atividade Física e Promoção da Saúde (LABSAU) é responsável pelas seguintes atividades de extensão: Vida Positiva (com portadores de HIV), Programa Domiciliar de Exercícios para Hipertensos, Núcleo de Iniciação de Ginástica Artística, Programa de Exercícios para Idosos e Treinamento de Forças para Idosos. “Iremos implantar no segundo semestre um programa de exercícios controlados para hipertensos cardiopatas”, informa o professor Wallace Monteiro, chefe do Departamento de Desportos Individuais (Desin) e membro do LABSAU.

“Estamos fazendo uma reestruturação da sala de condicionamento físico para que possamos atender a esses programas de extensão. Além disso, temos uma parceria com o Laboratório de Pesquisas Clínicas e Experimentais em Biologia Vascular (Biovasq) para desenvolver um programa de exercícios para crianças e jovens obesos”, revela.

O Programa Domiciliar de Exercícios para Hipertensos, coordenado por Wallace, consiste em fazer com que as pessoas caminhem no entorno de suas casas. “A caminhada de pelo menos 30 minutos numa intensidade moderada de três a quatro vezes por semana é interessante para reduzir a pressão arterial”, aconselha. Com a inauguração do centro de esportes, o laboratório pretende manter os dois programas: o domiciliar e o nas dependências da UERJ para comparar seus efeitos. De acordo com Wallace Monteiro, já existem cerca de 60 hipertensos cadastrados para o novo programa aguardando o início das atividades. Os interessados em participar podem ligar para 2334-0775.

Como se vê, é vasto o campo de atuação do profissional de educação física. Na opinião do professor Edson de Almeida Ramos, a área vem confirmando sua importância nos últimos anos, apesar da pouca oferta de vagas no mercado. “O profissional de educação física é vital. Se passarmos pela Praia de Copacabana, vemos uma multidão se exercitando, faça chuva ou sol. É por isso que a avaliação científica não pode deixar de existir, porque estamos lidando com uma coisa maravilhosa que é o corpo humano. Apesar de o mercado estar saturado, costumo dizer que sempre o bom profissional tem o seu lugar ao sol”, enfatiza.

Propriedade intelectual completa dez anos

Uma das pontes entre a produção científica da UERJ e a sociedade está sendo estruturada pela Universidade por meio uma iniciativa que completou 10 anos de existência em junho deste ano: o InovaUERJ, Programa de Propriedade Intelectual da Universidade. Para marcar a data foi lançada a terceira edição do *Catálogo de Potencialidades InovUerj*. Ao todo, a publicação reúne 4.188 pesquisas já em desenvolvimento e assinadas por professores da instituição com produção declarada no Currículo Lattes. São 1.570 páginas que representam uma fonte importante dos trabalhos de inovação, que será distribuído a empresas e instituições de todo o país.

Para os coordenadores do programa, representa uma vitória porque abre perspectiva para um desafio ainda maior: a adesão de novos pesquisadores. “A proposta é possibilitar a transferência de tecnologia e intercâmbio entre a Universidade e a sociedade”, destaca a coordenadora de Inovação, professora Marinilza Bruno de Carvalho. Para ela, toda a produção científica deve estar disponível para conhecimento público. A publicação dos catálogos é uma estratégia para aproximar estes dois campos.

Desde 2000, quando foi criado o programa, Marinilza desenvolve um trabalho de conscientização junto ao corpo docente sobre a importância da disseminação da produção científica e da importância da garantia da propriedade. “O InovaUERJ concebe o conhecimento intelectual como nosso maior patrimônio”, define. Acrescenta que a vinculação à Sub-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR-2) facilita a observação do campo de produção científica,

mas acrescenta que ainda existe uma lacuna importante: fazer com que o pesquisador tenha a noção exata de que seu trabalho deve ser disponibilizado à sociedade.

Para o professor Antonio Carlos Rito, que também coordena as ações do InovUERJ, a maior barreira a ser superada pela Universidade na área de Inovação está exatamente na estrutura docente. “A UERJ tem uma capacidade enorme de inovar. Mas precisamos despertar isto em todos, trazer os professores para a Inovação”, defende Rito. “O desafio hoje é fazer com que os professores formalizem o seu conhecimento por meio de patentes, transformando-o em produtos e serviços”, complementa.

Entre os docentes que já “adotaram” a missão proposta pelo InovUERJ está a professora Marly de Abreu Costa, da Faculdade de Educação. Ela aposta no próprio conceito de inovação como um dos objetivos do ensino superior. “Tudo o que a Universidade produz é para transferir a sociedade. Então não se pode viver engessado, é preciso criar e possibilitar a transferência de uma tecnologia inovadora. Inovação é isso”, conceitua a professora.

Segundo a professora Marinilza, o Brasil detém 5% da ciência produzida em todo o mundo, mas só tem a propriedade de 0.00019%. Tais números refletem as estatísticas registradas pelo Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI), que apontam um crescimento de pouco mais de dois mil pedidos de patentes entre 2000 e 2010. No ranking nacional, o Rio de Janeiro fechou 2009 como o segundo estado com maior número de solicitações de patentes ao INPI (3.758).

Lançamentos EdUERJ

Confira os títulos publicados no primeiro semestre

RIOCIENTÍFICO – INOVAÇÃO E MEMÓRIA

Antonio Augusto Passos Videira (coord.)

O livro, produção conjunta da Faperj e da EdUERJ, é o resultado da colaboração de especialistas de diferentes áreas da ciência e tem como objetivo revelar como a ciência e a técnica estão presentes desde meados do século XVI,

mostrando uma imagem pouco conhecida do Estado do Rio de Janeiro. Organizado em 11 capítulos, o livro descortina a história de algumas das principais atividades humanas que transformaram o Rio de Janeiro em um pólo

de saber e pesquisa e revigora a tradição de pessoas que, desde o século XVI, reconheceram na pesquisa e na busca pela inovação tecnológica o caminho para o engrandecimento humano e social.



LIVRO DE FONTES DE HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães

Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães, professor do Departamento de História da UERJ falecido em abril, mostra o resultado de um extenso trabalho de pesquisa.

Ele optou por trabalhar com um conjunto de textos produzidos no Brasil no século XIX, apresentando os modelos de escrita adequados às narrativas do passado e

necessários às demandas de um momento histórico e ao projeto de afirmação do Estado Nacional sob a forma monárquica no Brasil.



A SEXUALIDADE NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Andréa Loyola (org.)

Organizado pela professora Maria Andréa Loyola, o livro foi elaborado a partir das palestras do seminário comemorativo dos 15 anos do Núcleo de Estu-

dos de População da Unicamp, em parceria com o Instituto de Medicina Social da UERJ (IMS). O livro, que teve a primeira edição esgotada, reúne textos de

pesquisadores das mais diversas áreas com o objetivo de pensar qual o sentido do termo sexualidade na atualidade.



A REDAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS – TEORIA E PRÁTICA

Claudio Cezar Henriques e Darcilia Simões (org.)

O livro está na quinta reimpressão e vem redigido conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. A obra é de grande utilidade

para universitários, pois apresenta aspectos fundamentais da elaboração dos diferentes textos acadêmicos exigidos durante o ensino superior. De forma clara

e didática, possibilita ao aluno aprimorar a capacidade de articular as várias disciplinas e expor com precisão suas ideias.



O ESPAÇO BIOGRÁFICO: DILEMAS DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Leonor Arfuch

Ao longo das cerca de 370 páginas, a escritora argentina expande as possibilidades para o gênero biográfico, propondo uma percepção das narrativas a

partir dos dilemas enfrentados pelo homem em seu processo de construção da subjetividade na contemporaneidade. Na construção do conceito de espaço

biográfico, Leonor Arfuch considera as experiências humanas e as tramas discursivas que se desenrolam a partir da interação social.



A FORMAÇÃO PELA CIÊNCIA: SCHELLING E A IDEIA DE UNIVERSIDADE

Ricardo Barbosa

Volume que integra a coleção Universidade, o livro faz uma reflexão sobre Friedrich Wilhelm Joseph Von Schelling, filósofo idealista que refletiu, entre outras coi-

sas, sobre o ensino das universidades. Os seis capítulos que compõem a obra versam sobre a origem do método do estudo acadêmico e sua significação, a partir do texto-chave *Preleções*

sobre o método do estudo acadêmico, de F. W. J. Schelling, que exerceu grande influência sobre as teorias educacionais de sua época.



Editais

Universidade se destaca em projetos de extensão

Divulgado o resultado do edital nº 05/2010 do Programa de Apoio a Projetos de Extensão e Pesquisa (Extpesq) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), a UERJ comemora o primeiro lugar em número de projetos contemplados. A Universidade teve 23 projetos escolhidos, seguida pela UFRJ, com 19 e pela Uenf, com oito. No total, foram contempladas 73 propostas, que dividiram recursos de R\$ 2,7 milhões. O programa tem como objetivo incentivar, apoiar e promover projetos de extensão ligados a pesquisa científica e/ou desenvolvimento tecnológico, a fim de fortalecer a ação transformadora da pesquisa sobre os problemas sociais e ambientais e estabelecer uma relação dialógica entre pesquisadores e sociedade. Os recursos poderão ser empregados para financiar despesas com materiais permanentes e de equipamentos, custeio e serviços eventuais.

Pesquisadores e seus projetos

Professora do *campus* Resende, Alzira Assumpção está à frente do Programa de Incentivo ao Empreendedorismo e Inovação. Seu projeto pretende contribuir para o estabelecimento de uma cultura empreendedora regional; promover atividades em prol da demanda para a modalidade de pré-incubação da incubadora de Empresas Sul Fluminense; incentivar a vocação profissional local; promover o acesso de ferramentas adequadas ao desenvolvimento de futuros negócios na região; fortalecer o programa de incubação da incubadora; gerar demanda para o processo de criação de empresas inovadoras, novas tecnologias e modos de gestão; e ampliar a capacidade operacional da incubadora.

Já o projeto da professora Clarice Peixoto concentra-se sobre

as imagens nas Ciências Sociais. “O que mais nos fascina é a possibilidade de analisar as diversas experiências de uso de imagens (fixas e em movimento) e suas situações particulares, direcionada à elaboração de uma metodologia audiovisual para as pesquisas sociais. Ao aprofundar a reflexão teórico-metodológica da linguagem imagética, estaremos também criando narrativas visuais com vistas a uma dupla apresentação dos resultados da pesquisa: textos escritos e textos visuais”, afirma. O projeto tem três diretrizes: desenvolvimento das pesquisas dos membros da equipe, produção de vídeos e ensaios fotográficos e sua difusão; produção de vídeo-aulas para a especialização em Gênero e Sexualidade e divulgação dos produtos audiovisuais.

O projeto da professora Heloisa Ayres trata da Psicologia do Trabalho e Organizacional com ênfase nos processos organizacionais e no funcionamento da empresa júnior do Instituto de Psicologia. O objetivo é o desenvolvimento técnico e acadêmico dos estudantes, o desenvolvimento econômico e social da comunidade, o estímulo ao espírito empreendedor e o contato dos estudantes com o mercado de trabalho e a sociedade. O projeto tem como finalidade básica promover a ampliação e a integração do campo da pesquisa e da intervenção no Serviço de Psicologia Aplicada do Instituto de Psicologia.

O foco do projeto do professor João Maia, da Faculdade Comunicação Social, é a comunidade da Mangueira, mais especificamente a Candelária. O local é objeto de pesquisas do docente há cerca de oito anos e dessa vez o objetivo é produzir quatro documentários,

de 30 minutos cada, para TV. “Primeiro, faremos a capacitação de 20 alunos, dez da UERJ e dez da Mangueira. A proposta é que eles sejam agentes multiplicadores”, explica. O primeiro filme vai apresentar a relação da Mangueira com a cidade. O segundo terá como tema as meninas da comunidade, que se auto-intitulam “ratas” e a relação da mulher com a comunidade. O terceiro vai abordar os “ratos”, rapazes que se denominam vaidosos e têm a auto-estima elevada. O quarto e último documentário vai mostrar como os moradores se relacionam com tecnologias como música, internet e TV. Segundo o professor, ao final das gravações os equipamentos adquiridos serão doados à FCS.

Foram contempladas 73 propostas, que dividiram recursos de R\$ 2,7 milhões

No Instituto de Artes, o projeto do professor Jorge Cruz é uma continuidade do anterior, que realiza performance artística de intervenção no espaço urbano. “Dessa vez, a proposta é retomar a discussão sobre a prática da performance e a documentação do fazer artístico e sua distribuição, por meio da realização de uma poética documental que permita fomentar o debate sobre as práticas e teorias audiovisuais contemporâneas”, explica o professor, que realiza performances na rua desde 2009.

Recém-concursado do Instituto de Física, José Claudio Reis está estreando sua pesquisa na UERJ. “A formação de futuros professores de Física e físicos deve proporcionar maior contato com a pesquisa de ponta e proporcionar reflexão sobre a melhor forma de contribuir para a divulgação

e disseminação de conteúdos recentes produzidos pela ciência”, justifica. O projeto tem por objetivo proporcionar melhor formação aos futuros profissionais e prepará-los para atuar como agentes transformadores da realidade do ensino de física nas escolas do Rio de Janeiro.

O projeto do professor José Firmino Nogueira Neto, da Faculdade de Ciências Médicas, enfoca sobrepeso e obesidade infantil e pretende traçar o perfil nutricional das crianças de três escolas públicas, a fim de identificar casos e oferecer acompanhamento nutricional; desenvolver práticas educativas sobre a importância do controle de peso e programas de controle de peso; interligar atividades de ensino e pesquisa e propor a propagação no sistema educacional público.

Coordenador do Laboratório de Mamíferos Aquáticos e Bioindicadores professora Izabel Gurgel (Maqua), José Lailson Brito Júnior e equipe desenvolvem há alguns anos projetos com espécies do litoral fluminense. A intenção agora é difundir as informações geradas pelas pesquisas realizadas na região com os ecossistemas marinhos costeiros, alertando sobre a importância da preservação. “Ministraremos palestras durante visitas às escolas e entidades comunitárias ao longo do litoral fluminense. As atividades desenvolvidas serão realizadas nos municípios que margeiam as baías de Guanabara, Sepetiba e Ilha Grande”, informa o professor.

Diretora do Instituto de Nutrição, Luciana Castro foi contemplada com projeto que tem como objeto a qualificação das ações de alimentação e nutrição na rede pública de ensino básico

dos municípios do Rio de Janeiro por meio da implementação de atividades como: inserção e articulação dos conteúdos referentes ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) no currículo de graduação em nutrição da UERJ; diagnóstico do PNAE no Estado; consolidação da rede estadual de alimentação e nutrição escolar e elaboração de curso à distância para os responsáveis técnicos do PNAE nos diferentes municípios.

Há 20 anos o professor Márcio Tadeu Ribeiro Francisco, da Faculdade de Enfermagem, desenvolve com seus alunos o projeto que já faz parte do carnaval do sambódromo: distribuição de preservativos aos foliões e informação sobre sexo seguro. “Nosso foco são os setores 1, 6 e 13. Mas, além dos dias de desfile, distribuimos preservativos nos ensaios técnicos e nas comunidades da Mangueira e dos Macacos”, informa. O projeto tem apoio de setores das áreas municipal, estadual e federal, além de outras organizações.

A professora da Faculdade de Geologia Maria Antonieta da Conceição pretende com seu projeto promover ações para consolidar o Instituto Virtual de Paleontologia do Estado do Rio de Janeiro (IVP-RJ), criado em 2002, e para divulgá-la a paleontologia despertando o interesse da sociedade pelo tema. O IVP-RJ permite a integração de instituições de ensino e pesquisa que atuam no estudo dos fósseis no estado, cujo conselho gestor é formado por pesquisadores da UERJ, da UFRJ e da UniRio.

Representante do Instituto de Letras, o projeto desenvolvido pelo Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César é contemplado pela terceira vez em editais da Faperj. “Na primei-

ra vez, montamos a biblioteca. Na segunda, compramos novos computadores”, conta Maria Aparecida Andrade Salgueiro, professora responsável. Atualmente as traduções (nos idiomas inglês, alemão, espanhol, francês e italiano) são feitas por cinco bolsistas de graduação do Instituto com supervisão de um professor. Para a tradução, o valor simbólico cobrado é de R\$ 0,07 por palavra, enquanto que para a versão R\$ 0,09. Todo o dinheiro arrecadado é revertido para a manutenção do Laboratório.

As ligas acadêmicas da Faculdade de Ciências Médicas surgiram em 2007 e contam com a participação dos estudantes em ações em saúde, ensino, pesquisa e extensão. “A intenção é que funcionem como espaços onde o aluno possa atuar junto à comunidade como agente de promoção de saúde e transformação social, ampliando o objeto da prática médica”, explica a professora Maria Helena Ornellas. Atualmente existem oito ligas como projeto de extensão: trauma e emergência, oncologia, medicina de família e comunidade, gestão em saúde, cardiologia, neurologia e neurocirurgia, medicina complementar e integrativa e tocando saúde.

Desenvolver programas de saúde bucal, privilegiando a educação para a saúde como fator multiplicador e de sustentabilidade em Resende e municípios vizinhos: esse é uma das metas do projeto desenvolvido pela Vice-diretora da Faculdade de Odontologia, Maria Isabel de Castro Souza. “Resende é uma região com necessidades de atenção primária à saúde. Trinta e duas das 54 escolas do município estão sem dentistas para atender aos alunos. A orientação dos professores reduzirá em níveis significativos os índices de cárie e periodontite nessas escolas”, justifica. O projeto, iniciado em 2008, utiliza a técnica restauradora atraumática (TRA), que consiste em paralisar, restaurar e prevenir as cáries.

Diretora da Faculdade de Formação de Professores, Maria Tereza Goudard Tavares desenvolve estudos, pesquisas e atividades de extensão cuja proposta é investigar o papel de professores e suas lutas pelo direito à educação em São Gonçalo. A equipe pretende promover cursos e encontros para aproximar pesquisadores, professores e militantes dos movimentos sociais que tenham como preocupação o direito à educação; reconstruir o percurso de lutas pelo direito à escolarização nos municípios de São Gonçalo e Duque de Caxias e elaborar relatórios científicos e materiais de divulgação da pesquisa; formar jovens pesquisadores que possam reconhecer o papel estratégico da extensão e da pesquisa na produção do conhecimento.

Outro projeto ligado a artes, Práticas da construção da linguagem cênica no teatro para crianças, coordenado pela professora Maricélia Andrade Bispo, propõe a produção de espetáculos para crianças. “Os objetivos de nosso projeto não são literários, mas sim com a linguagem e na linguagem em teatro para crianças. Para isso temos investigado e desenvolvido técnicas e procedimentos de trabalho diversificados relacionados à prática teatral para crianças e jovens”, explica a professora. Ela acrescenta que a intenção é alcançar o público independentemente de sua faixa etária, tendo como alvo preferencial jovens de cinco a 18 anos das redes oficiais e particulares de ensino do Rio de Janeiro.

Desenvolvido desde 2009, o projeto da professora Marília de Brito Gomes, da Faculdade de Ciências Médicas, envolve pesquisadores das áreas de saúde que atuam no sentido de contribuir para um melhor entendimento pela sociedade do diabetes mellitus. “Nosso alvo principal é preparar o corpo docente e funcionários das escolas para atender às necessidades de crianças e adolescentes com diabetes nas diferentes regiões do país e identificar possíveis novos casos da doença nas escolas”, afirma.

Coordenado pela professora Mirian Paura e inserido no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, na linha de pesquisa Infância, juventude e educação (do grupo Jovens, Valores e Subjetividades), o projeto está voltado para a promoção do desenvolvimento biopsicossocial e educacional de

adolescentes e jovens vinculados à Faetec, por meio da formação profissional continuada. “A idéia é criar um espaço para a articulação das propostas teóricas de investigação e das representações dos saberes e fazeres que compõem o cotidiano do imaginário juvenil, explorando sua interface subjetiva”, define a professora.

Ligado ao Instituto de Matemática e Estatística e sob coordenação da professora Regina Lanzillotti, Estatística – Uma Ferramenta de Apoio à Sociedade é a reunião de três projetos

já existentes: Solução Estatística Junior, Software Livre para Alunos de Estatística e Programa de Estatística Aplicada. O primeiro foi criado com o intuito de formar profissionais gestores nas áreas de Estatística e Atuária por meio da orientação pedagógica norteada às tecnologias sociais e à inclusão. O segundo lida com ensino, difusão, disseminação e desenvolvimento do software livre estatístico denominado “R”, que inclui linguagem de programação avançada, interface interativa, capacidade gráfica extensiva e funções para manipulação estatística e matemática. O terceiro tem por finalidade a profissionalização de discentes dos

cursos de Estatística e Ciências Atuariais; apoiar docentes da Universidade no tratamento estatístico de dados necessários em suas atividades de pesquisa e órgãos na elaboração de projetos que envolvam pesquisa quantitativa; formular convênios de cooperação técnica para apoio a alunos de pós-graduação em estudos quantitativos.

Outro projeto da FCS contemplado foi o desenvolvido pelo professor Ricardo Freitas para estudar as representações, opiniões e relações que a população carioca mantém com o lixo, de forma a listar os principais destinos dos resíduos sólidos e tentar compreender o imaginário carioca quanto a: percepção, ressignificação e reaproveitamento do lixo. “Para isso, serão realizadas pesquisas de opinião, elaboradas estratégias e campanhas de comunicação que priorizem a educação ambiental, para que a UERJ possa oferecer alternativas comunicacionais ao quadro sobre resíduos sólidos presentes no cotidiano urbano”, informa. Ao fim das duas etapas

serão medidos os resultados para avaliação do projeto e indicação de seus desdobramentos.

Professor da FFP, Ricardo Santori propõe, juntamente com docentes do Departamento de Ciências, ações educativas que considerem o papel social da ciência com a produção de vídeos didáticos, palestras, oficinas e exposições. “Pretendemos fazer a distribuição de cartilhas didáticas, além do registro fotográfico e videográfico das atividades, com a produção de vídeos de divulgação. Ao final de cada ano do projeto será elaborado um relatório anual e um seminário de avaliação com os pesquisadores participantes”, explica.

Coordenadora do mestrado em Meio Ambiente da Faculdade de Engenharia, Thereza Christina Rosso pretende apresentar estudos para o desenvolvimento de tecnologias voltadas para o uso racional da água na Vila Dois Rios, onde se concentram as principais atividades do *campus* Ilha Grande; apresentar metodologia para tratamento simplificado de efluentes líquidos; realizar atividades de mobilização com a comunidade local para apresentação do projeto, preservação dos recursos financeiros já aplicados e reconhecimento de práticas ambientalmente sustentáveis.

A terceira professora da FFP contemplada foi Vanessa Breia, coordenadora de projeto que oferece atendimento gratuito em equoterapia para crianças com idade de 16 a 30 meses portadoras de paralisia cerebral. “A equoterapia contribui para o desenvolvimento do equilíbrio, do tônus muscular, da flexibilidade, da consciência corporal e da coordenação motora, além de ganhos na esfera emocional e cognitiva. Com um trabalho de intervenção precoce, podemos colaborar significativamente para o desenvolvimento dessas crianças, o que pode trazer repercussões inclusive no processo de acessibilidade e inclusão escolar”, avalia.

O projeto pretende fortalecer a ação transformadora da pesquisa sobre os problemas sociais e ambientais

O objetivo é incentivar, apoiar e promover projetos de extensão ligados a pesquisa científica e/ou desenvolvimento tecnológico

Tecnologia

Laboratórios de ponta na Universidade

Qual o significado de universidade? O que ela representa para a sociedade? Muitos se limitam a responder que universidade é o lugar de formação de alunos. Sua função, porém, é muito mais abrangente. Além de oferecer formação superior de qualidade, uma universidade deve disponibilizar seu conhecimento para toda a população. Esse é o papel que a UERJ tem exercido ao longo de seus 60 anos. Além de oferecer um ensino de qualidade, presta serviços à população por meio de projetos de extensão. Para o desenvolvimento de produção científica de ponta, a UERJ conta com o suporte oferecido por laboratórios das diversas áreas do conhecimento.

Os laboratórios desempenham uma função social importante na medida em que as pesquisas ali desenvolvidas beneficiam a população, comenta a Sub-Reitora de Pós-graduação e Pesquisa (SR2), professora Monica Heilbron. “Quando uma universidade tem um laboratório de grande porte e desenvolve uma nova tecnologia, você abre perspectiva de empregos, perspectiva de colaboração de indústrias”, diz. Também trazem benefícios mais diretos, como os proporcionados por laboratórios ligados à área de Medicina: “O trabalho desenvolvido por um laboratório de diagnóstico por imagem bem equipado, por exemplo, pode ajudar a melhorar a saúde da população”, explica.

Além de contribuírem de maneira direta ou indireta para o desenvolvimento da sociedade como um todo, eles projetam a UERJ por meio de suas pesquisas. Os profissionais que os conduzem geralmente trabalham em rede com outros laborató-

rios e grupos de pesquisa do Brasil e do exterior. “É uma espécie de passaporte da nossa pesquisa tornando-a mais abrangente, na medida em que um laboratório desse porte naturalmente tem correlação com outras universidades e com outras instituições de ponta também fora do País. Isso abre perspectivas para intercâmbio de pesquisadores e de alunos de graduação e pós-graduação, que vêm fazer suas análises em nossos laboratórios”, destaca Monica.

De acordo a professora, a Sub-Reitoria de Graduação, por meio de sua equipe de informática (SERAD – Serviço de processamento de Dados), está trabalhando com um sistema *on-line* de cadastro dos laboratórios. Esse sistema, diz Monica, deverá estar disponível no portal da Universidade ainda no segundo semestre de 2010. Além de ser uma ferramenta importante para a tomada de decisões, “o cadastramento *on-line* vai permitir que consigamos filtrar esses vários extratos de laboratórios e acabar conhecendo a UERJ como um todo”. Monica antecipa que, a partir desse levantamento, a Sub-Reitoria pensa elaborar, em parceria com a Diretoria de Comunicação, um catálogo dos laboratórios que desenvolvem pesquisas de ponta. “Nossa meta é que o catálogo seja feito em vários idiomas para poder ser levado nas nossas viagens para o exterior. Quanto mais laboratórios de grande porte a gente tiver para trocar, melhor será para a UERJ”, conclui.

Financiamentos

A implantação e a manutenção desses laboratórios de ponta em uma universidade necessitam do empenho de vários



agentes. Para a Sub-Reitora, a boa articulação entre pesquisadores tem permitido com que a UERJ capte cada vez mais recursos para os laboratórios junto às agências de fomento, como Faperj, Finep, CNPq e Capes. “Hoje estamos recebendo montantes de recursos da ordem que as grandes universidades brasileiras conseguem”, comemora a Sub-reitora.

Além do financiamento das agências, esses laboratórios prestam serviços a terceiros, como outras universidades e empresas, sendo essa outra maneira de captação de recursos. Normalmente, esses serviços são prestados, de acordo com a Sub-Reitora, por meio do Centro de Produção da UERJ (CEPUERJ), que presta apoio administrativo a esses laboratórios.

A fixação de técnicos especializados que sejam capazes de manusear equipamentos de última geração é apontada pela Sub-Reitora como o “grande gargalo” dos laboratórios. Eles precisam ter uma equipe técnica de alto nível, compatível com o equipamento que o laboratório possui. Na Universidade, conta a Sub-reitora, essa demanda é atendida por concursos públicos, por alunos de doutorado e de pós-

doutorado e também mediante bolsas de apoio técnico, como o PROATEC (Programa de Apoio Técnico às Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão), da Universidade, ou bolsas solicitadas à Faperj e ao CNPq.

Alguns exemplos

Distribuídos entre os quatro Centos Setoriais, os laboratórios realizam projetos e pesquisas de interesse acadêmico e científico. Nas áreas tecnológica e biomédica, os laboratórios se destacam não só pelo pioneirismo de seus estudos, como também pelo desempenho das análises que fazem. Para isso contam com equipamentos de última geração e com a colaboração pesquisadores altamente qualificados.

O Laboratório de Geocronologia e Isótopos Radiogênicos (Lagir) foi o primeiro laboratório do gênero a ser montado no estado e o quinto no Brasil. Vinculado à Faculdade de Geologia e coordenado pelo professor Cláudio Valeriano, o laboratório existe desde 2005. Seu principal equipamento, o espectrômetro de massa de última geração (TRITON-Finnigan), foi adquirido com recursos da Finep

(CT-Infra) e, segundo Valeriano, foi o primeiro dessa família de última geração no Brasil. Além de fazer a datação das rochas, o laboratório realiza estudos de geoquímica isotópica. “São informações úteis para o estudo da evolução do planeta e também para a prospecção de petróleo e gás”, explica o coordenador. Há dois anos o Lagir firmou parcerias com a Petrobrás e com a CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais), empresa pública vinculada ao Ministério de Minas e Energia.

Outro laboratório que realiza pesquisas importantes para a saúde da população é o Laboratório de Ciências Radiológicas (LCR), criado em 1993 dentro da estrutura do Departamento de Biofísica e Biometria, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG). Desenvolve estudos em várias linhas de pesquisa, como as áreas de radiobiologia, de proteção radiológica e de dosimetria de equipamentos de radiação e atividades de pesquisa, graduação e extensão. O LCR também atua na capacitação e atualização profissional, na área de Física Médica, e presta serviços a entidades médicas, órgãos de saúde e a indústrias.



Segundo o sub-coordenador do laboratório, professor Antonio Peregrino, uma das funções do laboratório é verificar o uso adequado das radiações ionizantes pelos profissionais que a utilizam. Hoje o LCR é referência estadual para avaliar as condições de radioproteção dos serviços de radiologia e diagnóstico médico (como os aparelhos de mamografia) e odontológico do estado, atuando em parceria com a Vigilância Sanitária, que é o órgão fiscalizador. De acordo com Peregrino, o LCR é o único laboratório do Rio que emite laudos técnicos de radioproteção das instalações radiológicas em todo o estado, que devem ser renovados a cada dois anos. Para isso, segue as normas da Portaria 453 do Ministério da Saúde, que preconiza as condições ideais de utilização desses equipamentos. “Dessa forma”, avalia o sub-coordenador, “o laboratório cumpre seu papel de assegurar o uso adequado da radiação ionizante no nosso estado”.

O processo de investigação clínica envolvendo seres humanos é, há cerca de um ano, o trabalho desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisas Clínicas e Experimentais em Biologia

Vascular (Biovasc). O Laboratório realiza o que os profissionais chamam de pesquisa translacional, que engloba estudos com animais e com seres humanos. Um dos diferenciais do Laboratório, de acordo com sua coordenadora, professora Eliete Bouskela, é que o Biovasc é um dos poucos estabelecimentos que fazem pesquisas clínicas no Rio e Janeiro. “Se compararmos São Paulo e Rio Grande do Sul, aqui há poucos locais de pesquisa clínica”, avalia. Com vários estudos em processos inflamatórios, o Biovasc também se destaca por ter um enfoque multidisciplinar de métodos não invasivos para a detecção de risco cardiovascular em obesos, diz a coordenadora. “Nós estamos oferecendo um serviço gratuito à população sem, basicamente, muita concorrência, pois não há outro desse tipo no Rio”, ressalta. Segundo a professora, o tratamento tradicional da obesidade realizado atualmente não obtém resultados satisfatórios. “Os recursos terapêuticos são muito pequenos. Há poucas drogas e, depois do tratamento, as pessoas facilmente voltam a ganhar peso. Estamos basicamente tentando trabalhar com



mudança de estilo de vida”. Ainda segundo Eliete, é importante desenvolver métodos de acompanhamento da evolução da doença. “A obesidade já virou uma epidemia global e as doenças cardiovasculares, que podem ser ocasionadas pela obesidade, são as que mais matam no mundo hoje, inclusive no Brasil”, completa.

Criado pelo Instituto de Biologia da UERJ em 1996, com toda sua estrutura financiada pela Faperj, o Laboratório de Diagnóstico por DNA (LDD) é referência nacional na área e aplicação de DNA na investigação forense. Além de dar suporte acadêmico na formação de recursos humanos qualificados, o LDD, por meio de convênios firmados com o Tribunal de Justiça do Estado e com o Ministério Público do Rio, realiza perícias genéticas solicitadas e custeadas por esses órgãos. De acordo com o coordenador do laboratório, professor Elizeu de Carvalho, geralmente esse tipo de trabalho é requerido em investigações de vínculo genético – na maioria das vezes investigação de paternidade – ou então em investigações criminais. “Na investigação de paternidade ou maternidade (que é raro), você quer provar se o indivíduo é ou não é filho de determinada pessoa. Já em uma investigação criminal existem várias proposições e a maioria delas é confrontar a amostra biológica encontrada em uma cena de delito com o material genético de um suspeito”, esclarece o professor. O LDD realiza cerca de 600 perícias por mês,

um atendimento mensal de quase 2.000 pessoas já que, em cada caso, há em média o envolvimento de três pessoas. Todos os municípios fluminenses são atendidos. Atualmente, o laboratório está abrindo seus estudos também para a área biológica e, em parceria com o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), também da UERJ, projeta fazer um mapeamento genético das espécies animais da Mata Atlântica encontradas na Ilha Grande. “É um laboratório de fronteira na área de genética forense, de identificação humana por DNA e, agora, também associando a não humana”, comemora Elizeu.

Na área de Humanas existem vários laboratórios de destaque. A articulação de pesquisadores qualificados promove a formação de laboratórios reconhecidos e respeitados na UERJ, cujo objeto de pesquisa não é a analítica. Produzem, nas suas respectivas áreas, estudos sobre temas atuais e de grande impacto para a sociedade. A questão da violência e da criminalidade, por exemplo, é tema de estudo do Laboratório de Análise da Violência (LAV). Criado em 2002 e coordenado pelo professor João Trajano, o Laboratório (vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) contribui para o processo de formatação de políticas públicas voltadas em especial para o campo da segurança. Além de organizar eventos, seminários e realizar projetos que tratam de formulação, condução e avaliação de políticas públicas, o

LAV também presta assessoria a ONGs, a agências do estado e a entidades da sociedade civil em geral. Segundo Trajano, mesmo que a área de segurança pública tenha assuntos difíceis de serem debatidos, o LAV está conquistando o seu espaço e hoje dispõe de canais de diálogo com autoridades e agentes de segurança pública. “Nossas pesquisas podem eventualmente causar desconforto e as posições que assumimos estão longe de serem bem recebidas por todos. O que importa, porém, é que conquistamos credibilidade e respeito generalizado”, observa o professor.

Perspectivas

No processo de crescimento da Universidade, uma questão é premente: o espaço físico para alocar os laboratórios de ponta. A Sub-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa enfatiza: “Estamos captando muitos recursos para equipamentos de grande porte e temos que trabalhar com esse gargalo”, diz. Por isso, já está prevista a construção de dois prédios que agruparão parte desses laboratórios. Um deles, o *Celulão*, será construído em local perto Hospital Universitário Pedro Ernesto e abrigará todos os laboratórios ligados à área biomédica. Outro prédio será construído ao lado do Instituto de Química, no *campus* Maracanã, para abrigar laboratórios do Instituto e da Faculdade de Geologia. “Serão dois grandes e modernos prédios. As fundações já foram iniciadas e já conseguimos obter parte dos recursos para a construção dos mesmos. Nossa meta é que daqui a dois anos ambos estejam prontos”, prevê a professora Monica Heilbron. Ela adianta também que o Centro de Tecnologia e Ciências também terá um novo prédio que abrigará, principalmente, laboratórios ligados à Faculdade de Engenharia situada na Rua Fonseca Telles, em São Cristóvão.

